Lentes femininas para anti-refletir o colonialismo

Feminine lenses to anti-reflect colonialism

LÍVIA GAUDENCIO

Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

liviagaudencio@gmail.com

Resumo

O ensaio visual apresenta a fotoperformance intitulada "Urucum — Oráculo de Corpos Demarcados", de minha autoria em colaboração com a performer mexicana Violeta Luna. Este trabalho busca refletir o tema da violação e exploração das terras colonizadas, espelhadas historicamente no silenciamento e violência contra o corpo da mulher.

Palavras-chave

Fotografia | fotoperformance | descolonização | feminismo decolonial | povos originários do Brasil | estudos latino-americano

Abstract

This visual essay presents the photoperformance entitled "Urucum — Oracle of Demarcated Bodies" of my authorship, in collaboration with the Mexican performer Violeta Luna. This work aims a reflection on the theme of rape and exploitation of colonized lands, historically mirrored in the silencing and violence against the woman's body.

Keywords

Photography | photoperformance | decolonization | decolonial feminism | indigenous peoples from Brazil | Latin American studies

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

Relato sobre o trabalho

O ensaio visual apresenta a fotoperformance "Urucum — Oráculo de Corpos Demarcados", as inquietações que impulsionaram a criação desta obra e as partes mais relevantes do processo de criação. Portanto, o conteúdo deste relato constitui-se como uma construção epistemológica não-convencional.

A principal motivação para a criação deste trabalho foi a busca pela minha própria identidade simbólica calcada na união das várias etnografias que compõem a cultura brasileira e, portanto, minha ancestralidade.

A referência que mais me marcou na história da minha família é a história da avó do meu avô que teria sido "pega pelo laço", expressão comum no Brasil para se referir às mulheres indígenas roubadas de suas aldeias pelos colonizadores. Por esta razão, ela teria "ganhado" um nome português, mas não um sobrenome. Esta história define o hibridismo da minha identidade biológica, com raízes portuguesas e indígenas, ao mesmo tempo que assinala a violação da minha linhagem feminina, marcando a minha identidade simbólica. Esta história é um exemplo da miscigenação como forma de dominação, mas que teria sido narrada, de geração em geração, como tolerância racial e cultural por parte dos colonizadores.

A palavra *urucum* provém da língua originária tupi, transliterado *uru'ku*, que significa vermelho, sendo uma planta cuja semente é usada, dentre outras coisas, para fazer a tinta que serve para pintura corporal de povos indígenas da américa tropical. A esta prática são atribuídos diversos significados ritualísticos e, por esta razão, escolhi o *urucum* para marcar o corpo e o espaço como território da memória dentro da performance: memória do corpo ancestral violado e memória da terra transformada por processos exploratórios.

Desta forma, a investigação artística da obra "Urucum — Oráculo de Corpos Demarcados" partiu de duas perguntas: se em meu corpo estivessem pintadas as marcas ancestrais que ele carrega, como e onde estariam elas? E a outra: como é que as representações de força feminina se manifestam através do meu corpo para a criação de novos arquétipos de poder que possam promover a cura dessas feridas ancestrais?

A partir destas questões, foi feito um trabalho orientado pela artista Violeta Luna, assistido pela psicóloga Bianca Fernandes, para investigarmos algumas palavras, posturas corporais e ensinamentos que carregariam possibilidades de resposta.

Através de um trabalho psicofísico subjetivo, foram criadas propostas matriciais de um corpo decolonial, unindo referências da natureza — *urucum*, pêlos, chifres. Ao vislumbrar um corpo não domesticado, não catequizado, um corpo "selvagem", é possível apropriar-se da história prévia para recriar novos arquétipos do poder e do divino, ao invés de pretender o apagamento das marcas da colonização.

Alguns ensinamentos foram buscados através de um processo de acesso ao subconsciente. O resultado foram as imagens aqui publicadas, e as seguintes palavras com suas respectivas "mensagens":

Responsabilidade — Toda escolha deve ser consciente. A água do lago é a mesma para todos. A pedra que você escolhe jogar tem um impacto que reverbera.

Medo — Sente medo quem está vivo. Se o inimigo nos ataca pelo terror, o medo se converte em uma arma.

Coletividade — Estarmos juntos e agirmos juntos é a única alternativa, no momento. A coletividade é um chamado para compartilharmos a nossa graça e o nosso vazio.

Silenciamento — Nos impuseram o silêncio por tempo suficiente. É hora de quebrá-lo. O silenciamento é uma espécie de morte.

Resistência — Resistir é fazer um esforço contínuo na mesma medida. Quando uma força tenta se impor às outras, nós entramos em desequilíbrio.

Instinto — Somos animais, mas pensamos. Pensamos, mas somos animais.

Mudança — A serpente muda de pele e continua rastejando, enquanto a lagarta muda de forma para criar asas e voar. Saibamos discernir o quão profunda deverá ser a nossa mudança neste momento.

Compaixão — A violência fragmenta. A compaixão constrói.

Sabedoria — Em cada um de nós há uma centelha de conhecimento ancestral. Confie na sua verdade até ao limite da verdade do outro.

Justiça — Nosso pensamento é diverso. Quando a sentença é unânime, significa que o pensamento não está livre.

Crise — A crise pode causar dor e sofrimento, mas é sempre uma transformação. Se ainda não foi transformador é porque a crise ainda não chegou ao fim.

Prazer — O prazer pessoal é um compromisso coletivo. Na medida em que um conjunto de pessoas plenas contribui para a pulsão da vida.

Desta maneira, a escolha pela criação de um Oráculo constitui-se como um redimensionamento do sagrado, a fim de evocar as práticas pagãs de conexão com o divino, que outrora teriam sido motivo de preconceito e podiam implicar a condenação à morte dos seus praticantes. O apagamento destas práticas e a discriminação ainda existentes reverberam como consequência de uma dominação religiosa colonialista e que mantém os povos colonizados em uma condição cultural subalterna.

Vale destacar que esta foto-performance não tem a intenção de reproduzir uma cultura indígena específica, nem mimetizar corpos ancestrais, mas buscar um novo corpo não-urbano, que mescla as práticas herdadas da imposição cultural portuguesa e a relação dos povos originários com seres não-humanos encontrados na natureza.

Este entre-lugar, marcado pelo hibridismo, constitui-se como o lugar da "mestiçagem latino-americana", ou seja, do cruzamento entre culturas e raças que originou os povos que somos hoje. Assim, a criação das imagens foi guiada pelo conceito da "antropofagia", criado pelo movimento modernista brasileiro na década de 1920, porém aqui foi colocado em prática às avessas. Enquanto o movimento antropofágico original de

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

propunha "deglutir" a cultura do colonizador para expeli-lo sob sua apropriação, a proposta desta obra é "deglutir" todas as culturas colonizadas dos povos originárias do Brasil para recriar e reencontrar esta voz silenciada e que reside na nossa própria mestiçagem.

Nas imagens criadas, este corpo mestiço responde, através de si mesmo, aos questionamentos da exploração das terras colonizadas, ao genocídio dos povos originários e à violação dos corpos indígenas; ações que corroboraram para que se criasse um novo povo miscigenado. O chamado "embranquecimento" da população indígena sempre foi exposto como algo benéfico para os povos colonizados, pela suposição de uma superioridade caucasiana, quando na verdade trata-se de uma tentativa de apagamento racial e cultural. Contudo, mesmo os corpos latino-americanos "embranquecidos", que se apresentam fenotipicamente brancos, carregam as marcas e traumas dos corpos de seus antepassados.

A ideia de transformar as fotos em Oráculo a ser lido coletivamente é uma proposta de sair do lugar passivo da vitimização para o lugar de agente de cura. Afinal, terra é corpo e corpo violado é ferida aberta que sangra de geração em geração. Por isto, todo encontro é uma oportunidade de cura.

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

MEDO

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

CRISE

COMPAIXÃO

MUDANÇA

COLETIVIDADE

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

RESPONSABILIDADE

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

RESISTÊNCIA

RCL — Revista de Comunicação e Linguagens *Journal of Communication and Languages* N.54 (2021) ISSN 2183-7198

—

Créditos

Idealizadora e Performer: Lívia Gaudencio/ Diretora: Violeta Luna/Treinamento Psicofísico: Bianca Fernandes/ Fotos: Carlos Sales/ Designer: Roderick Steel.

—

Nota biográfica

Frequenta o mestrado em Estudos sobre as Mulheres na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) e pós-graduada em Cinema, Vídeo e TV pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (Brasil). É a diretora artística da O Trem Companhia de Teatro e organizadora de O Levante! Festival Internacional de Mulheres em Cena. Pesquisa em seu trabalho artístico e académico as questões acerca da mulher e do feminino.

—

ORCID iD

0000-0003-3831-9052

—

Morada institucional

Avenida de Berna, 26-C / 1069-061 Lisboa.

—

Recebido Received: 2021.01.31 **Aceite** Accepted: 2021.02.27

—

DOI https://doi.org/10.34619/k2oq-vyaj